TRAVESSIA

ALTO PALÁCIO - SERRA DOS ALVES

PARQUE NACIONAL DA SERRA DO CIPÓ

PROJETO PILOTO TRAVESSIAS DO PARQUE NACIONAL DA SERRA DO CIPÓ

TRAVESSIA
ALTO PALÁCIO – SERRA DOS ALVES

Guia Prático

DEZEMBRO DE 2019

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (ICMBIO)

PROJETO PILOTO TRAVESSIAS DO PARQUE NACIONAL DA SERRA DO CIPÓ

Supervisão do Projeto

Edward Elias Júnior (ICMBio)

Coordenação Voluntária do Projeto:

André Jean Deberdt

Giselle Saraiva de Melo

Heitor Motta Belisário de Moraes

Humberto Nobuyoshi Honda

Rafael Augusto de Oliveira Sanches

Rodrigo de Jesus Araujo Silva

Instituição Executora do Projeto

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)
Parque Nacional da Serra do Cipó / Área de Proteção Ambiental Morro da Pedreira
Leandro Pereira Chagas
Chefe

Instituição Parceira na Execução do Projeto

Centro Excursionista Mineiro - CEM
Giselle Saraiva de Melo
Presidente

TRAVESSIA ALTO PALÁCIO – SERRA DOS ALVES. Guia Prático

Elaboração: André Jean Deberdt

Revisão: Edward Elias Júnior

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 1
A CADEIA DO ESPINHAÇO 4
UMA PAISAGEM EM TRANSFORMAÇÃO 7
COMO SE PREPARAR PARA A TRAVESSIA 10
ROTEIRO DA TRAVESSIA 11
PRIMEIRO DIA: ALTO PALÁCIO - CASA DE TÁBUAS (18 km) 11
SEGUNDO DIA: CASA DE TÁBUAS – CASA DOS CURRAIS (11 km) 24
TERCEIRO DIA: CASA DOS CURRAIS – SERRA DOS ALVES (11 km) 31
O CENTRO EXCURSIONISTA MINEIRO 36

APRESENTAÇÃO

"*As travessias são uma das mais claras vocações do Parque Nacional da Serra do Cipó, já praticadas muito antes da criação do Parque, sendo, na realidade, uma das práticas que levou à sua criação.*"

Encarte 4, Plano de Manejo, 2009

Apesar de oficialmente aberta em outubro de 2015, a Travessia Alto Palácio – Serra dos Alves já era um roteiro conhecido por excursionistas, com algumas poucas variações no traçado, que aproveita antigas trilhas do Parque, que há muito tempo não vinham sendo utilizadas.

Na edição de março/abril de 2003[1] da extinta revista Aventura Já, o renomado montanhista Sergio Beck faz um relato de uma caminhada na Serra do Cipó, do Alto Palácio até a portaria Areias, que percorre boa parte do traçado adotado na Travessia. Em março de 2015, depois de uma tentativa frustrada pela forte neblina em 2014, o montanhista Rafael Santiago refez esse mesmo roteiro, muito bem relatado em seu *blog*[2]. Certamente outros montanhistas realizaram trajetos semelhantes em tempos passados, antes da abertura oficial.

Como se pode verificar, não é segredo que muitas trilhas no interior do Parque Nacional da Serra do Cipó vinham sendo e continuam a ser utilizadas por montanhistas. A criação de roteiros oficiais, como o da travessia Alto Palácio – Serra dos Alves, tem como objetivo principal normatizar, minimamente, o uso dessas trilhas, visando aumentar a segurança para os usuários e reduzir os impactos ambientais negativos resultantes da presença, cada vez maior, de pessoas se aventurando no interior desta unidade de conservação.

Em 2009, montanhistas e condutores iniciaram um diálogo com o Parque, com o intuito de viabilizar a implantação de roteiros oficiais de travessias na Serra do Cipó. A iniciativa ganhou força em 2012 resultando no Projeto Piloto Travessias do Parque Nacional da Serra do Cipó, como uma parte da linha temática "Apoio à Implementação do uso Público", que vem se solidificando desde então, passando a contar com um planejamento estratégico e uma equipe fixa de coordenação, formada por voluntários, sob a supervisão de um Analista Ambiental do ICMBio.

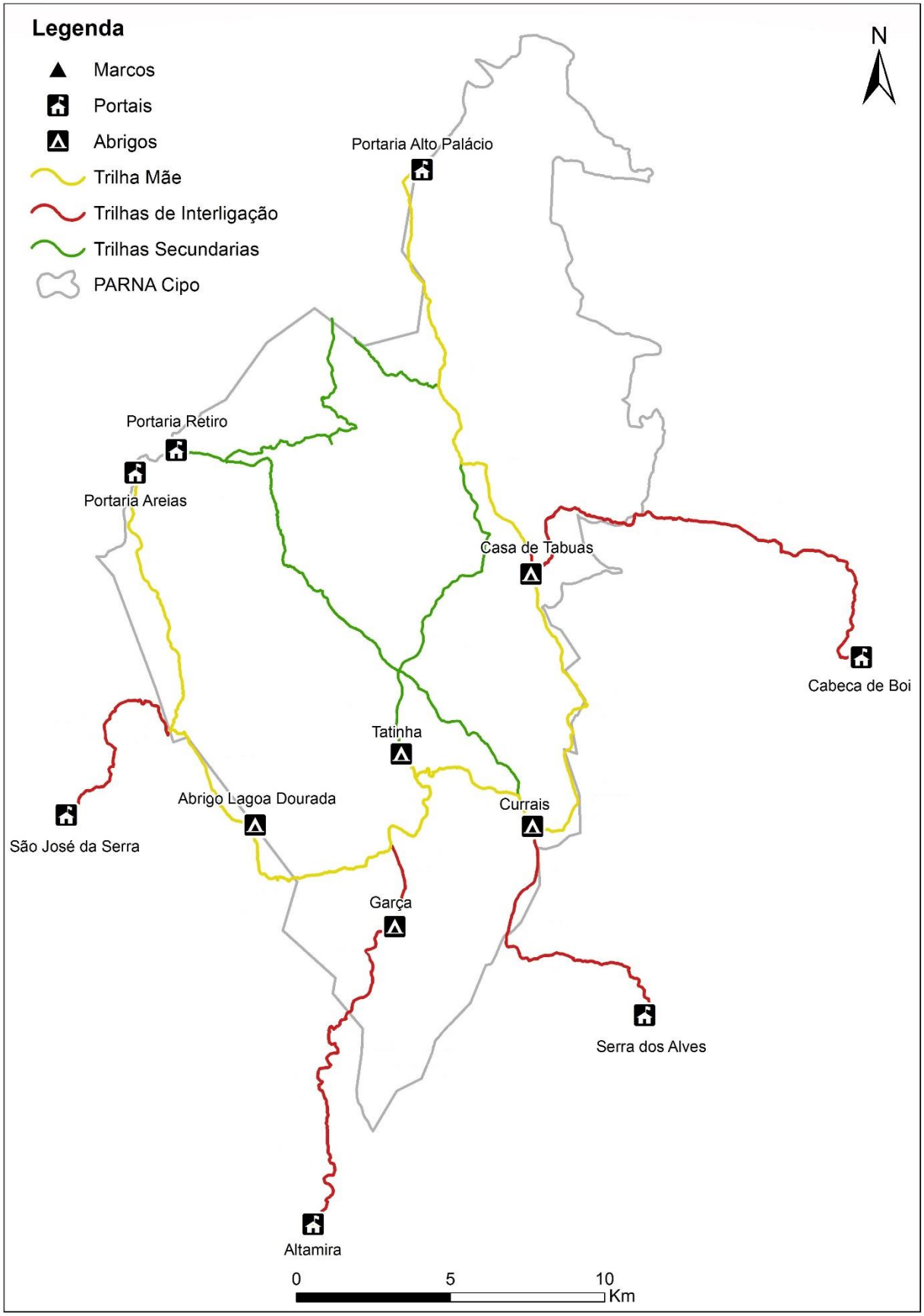
Cabe destacar que a travessia Alto Palácio – Serra dos Alves é apenas uma parte do conjunto de trilhas que integram o Projeto, conforme apresentado no mapa a seguir. Além dela, a travessia Alto Palácio – Cabeça de Boi também se encontra oficialmente implantada e em operação.

Outro aspecto relevante é que o traçado da travessia coincide com o da trilha de longo curso Transespinhaço, no trecho que esta cruza o PARNA da Serra do Cipó. Por este motivo, foi adotada a sinalização padrão caracterizada pela pegada dentro de uma seta.

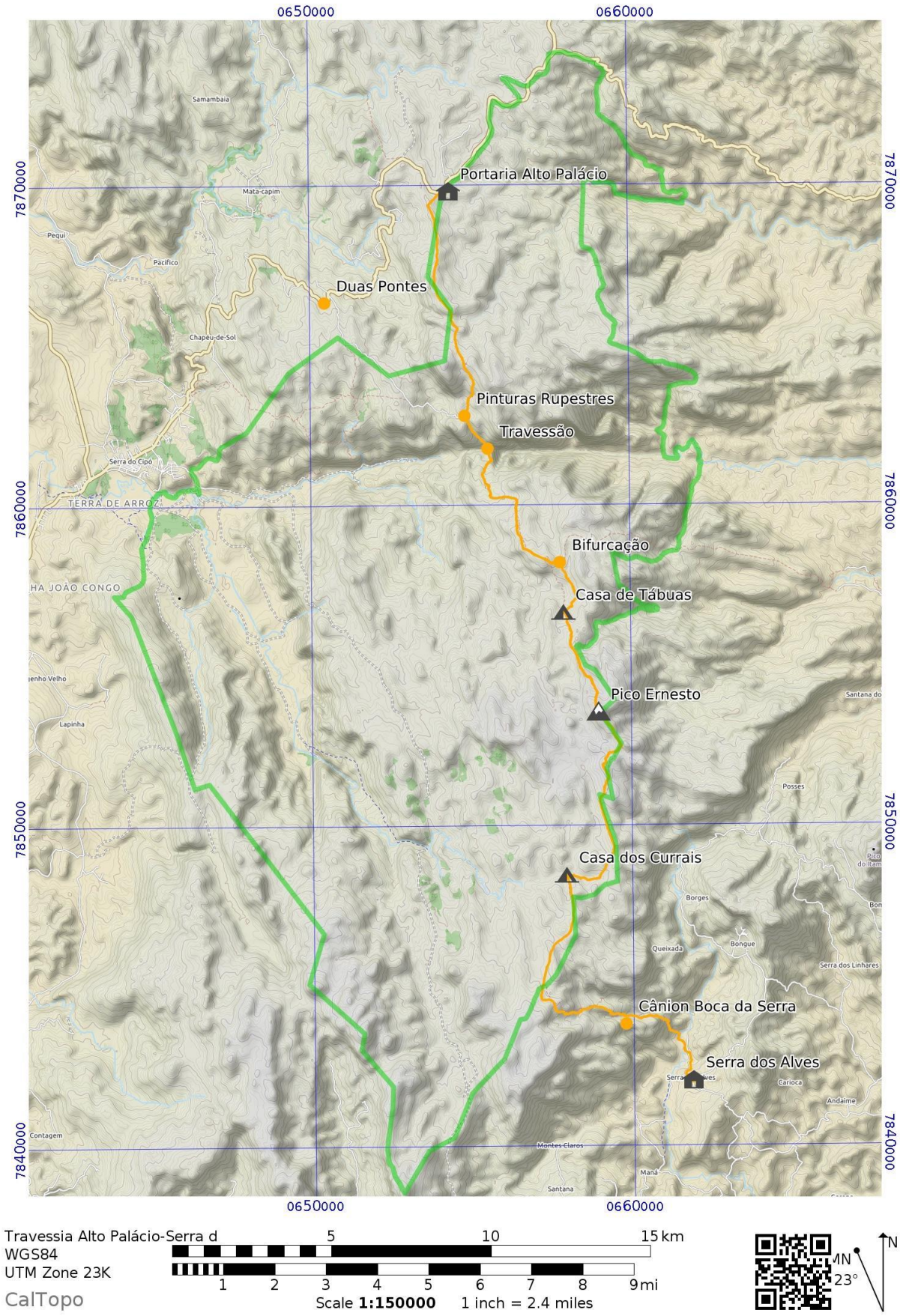
Este guia consolida informações gerais sobre a região por onde passa a travessia, bem como um roteiro detalhado com os trechos a serem percorridos em cada dia da caminhada, tendo como base o sentido preferencial Norte – Sul. Tem como principal finalidade, contribuir para que a travessia seja uma experiência agradável e inesquecível. Boa caminhada!

[1] BECK, S. Serra do Cipó. Revista Aventura Já. Edição março / abril de 2003, p. 10 a 23.

[2] Trekking na Montanha, Travessia Alto do Palácio-Serra dos Alves (Serra do Cipó-MG) - mar/15. Disponível em http://trekkingnamontanha.blogspot.com/2015/04/travessia-alto-do-palacio-serra-dos.html. Acesso em 14/11/19.



Trilhas planejadas no âmbito do Projeto Piloto Travessias do Parque Nacional da Serra do Cipó. A travessia Alto Palácio – Serra dos Alves abrange parte da Trilha Mãe e a Trilha de Interligação Currais – Serra dos Alves.



Mapa da travessia Alto Palácio – Serra dos Alves, com o contorno do PARNA da Serra do Cipó em verde.

A CADEIA DO ESPINHAÇO

Adaptado do texto original publicado por GONTIJO (2008)[3]

A Cadeia do Espinhaço é um importante acidente geográfico, formado predominantemente por rochas quartzíticas, que se estende da macrorregião sul de Belo Horizonte, até próximo ao limite norte da Bahia com Pernambuco. Apresenta um relevo acidentado, com altitudes geralmente superiores a 1.000m, sendo o Pico do Sol (2.072m), o pico Inficionado (2.068m), ambos na Serra do Caraça e o Pico do Itambé (2.052m), na região de Diamantina-MG, suas maiores altitudes. A denominação "Espinhaço" remonta ao Barão de Eschwege que a cunhou em um artigo publicado em 1822[4].

> *"Uma dessas principais cadeias montanhosas, chamada em alguns lugares de Serra da Mantiqueira, encerra os pontos mais altos do Brasil, tais como o Pico do Itacolumi perto de Vila Rica, a Serra do Caraça junto a Catas Altas e o majestoso Pico do Itambé, perto da Vila do Príncipe, e atravessa, pelo norte, as províncias de Minas Gerais e da Bahia seguindo até Pernambuco e para o sul, a de São Paulo até o Rio Grande do Sul. A ela denominei Serra do Espinhaço (Rückenknochengebirge), não só porque forma a cordilheira mais alta, mas, além disso, é notável, especialmente para o naturalista, pois forma um importante divisor não somente sob o ponto de vista geognóstico, mas também é de maior importância pelos aspectos da fauna e da flora. (...) As regiões ao leste desta cadeia, até o mar, são cobertas por matas das mais exuberantes. O lado oeste forma um terreno ondulado e apresenta morros despidos e paisagens abertas, revestidas de capim e de árvores retorcidas, ou os campos cujos vales encerram vegetação espessa apenas esporadicamente. O botânico encontra, nas matas virgens, plantas completamente diferentes daquelas dos campos e o zoólogo acha uma outra fauna, especialmente de aves, tão logo passe das matas, pela Serra do Espinhaço, para os campos."*

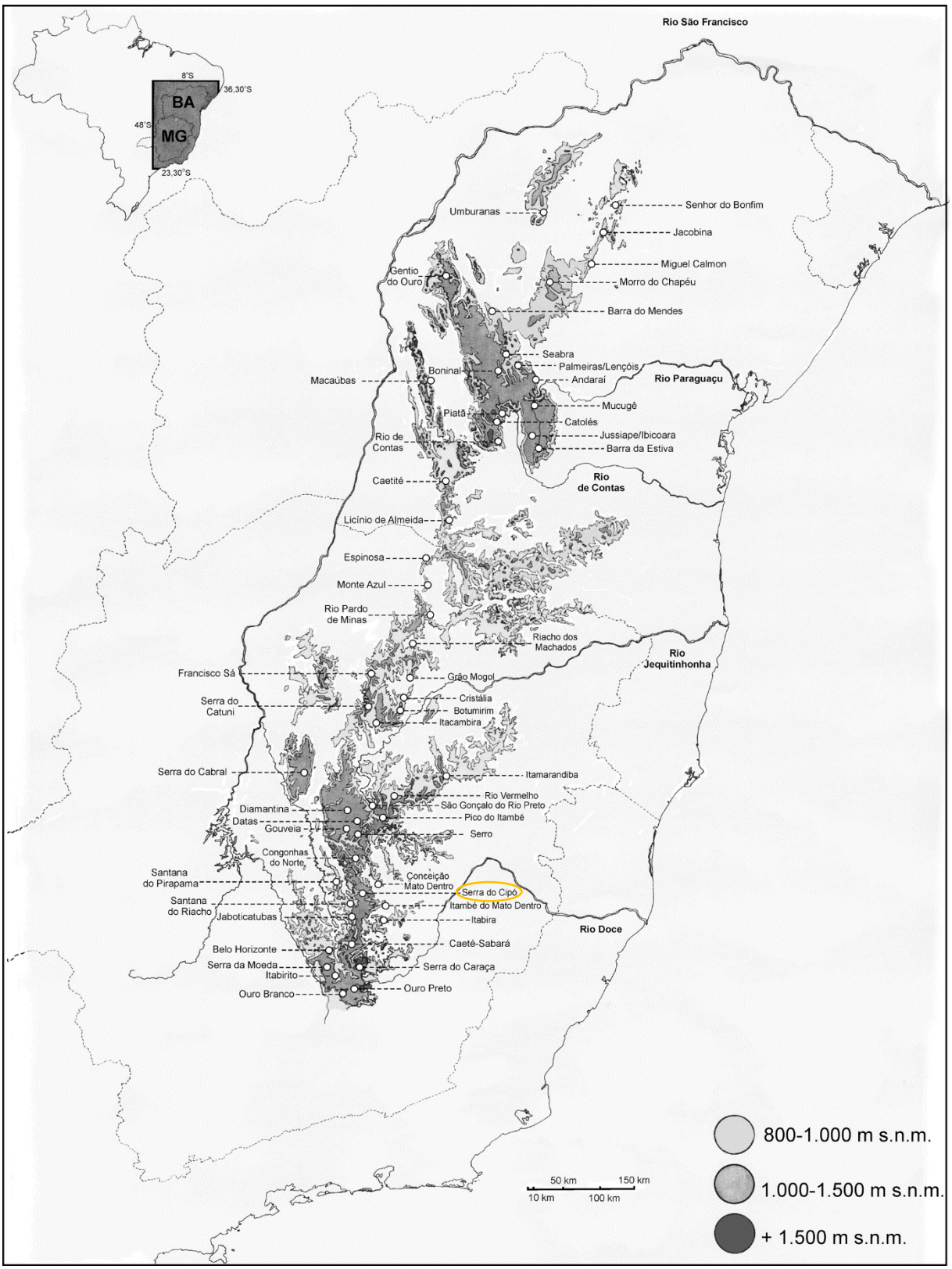
A descrição de Eschwege incluiu todo o prolongamento montanhoso ao sul do Quadrilátero Ferrífero, até o Rio Grande do Sul, possivelmente, devido ao deficiente conhecimento da geografia do Brasil naquele tempo. Nos dias atuais, a região de Juazeiro-BA é aceita como limite Norte da Cadeia do Espinhaço e a Serra de Cambotas, na região de Barão dos Cocais, o seu limite Sul. Na porção mineira, o Quadrilátero Ferrífero é incorporado quando tratado dentro do conceito da "Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço".

A Cadeia do Espinhaço é uma faixa de transição e um divisor para os biomas Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga. Na sua porção meridional, a vertente Oeste do Espinhaço encontra o cerrado mineiro, enquanto a vertente Leste limita o avanço do "mato dentro" ao longo da bacia do rio Doce, que batizou cidades como Conceição, Itabira e Itambé, ali localizadas, testemunhas da grande floresta estacional semidecidual que representava o bioma da Mata Atlântica nos primórdios, hoje reduzida a fragmentos florestais. Por sua posição geográfica, antiguidade geológica e, principalmente, importância ecológica, os campos rupestres de altitude que caracterizam boa parte do Espinhaço constituem-se no quarto grande bioma para o estado.

---

[3] GONTIJO, B. M. Uma geografia para a Cadeia do Espinhaço. MEGADIVERSIDADE, v. 4 n. 1-2. Dezembro 2008.

[4] ESCHWEGE, W von, "Quadro Geognóstico do Brasil e a provável rocha matriz dos diamantes". Tradução (2005) de F. E. Renger do original em alemão (1822). In GONTIJO, B. M. Uma Geografia para a Cadeia do Espinhaço. MEGADIVERSIDADE, v. 4 n. 1-2. Dezembro 2008.



Mapa da Cadeia do Espinhaço com as principais localidades (Fonte: RAPINI, 2010, modificada de "Carta do Brasil ao Milionésimo", IBGE 1972)[5]. Esta versão inclui o Quadrilátero Ferrífero.

[5] RAPINI, A. Revisitando as Asclepiadoideae (Apocynaceae) da Cadeia do Espinhaço. Bol. Bot. Univ. São Paulo 28(2): 97-123. 2010.

Os sedimentos de origem marinha e fluvial que deram origem às rochas quartzíticas ao longo da cadeia do Espinhaço não contêm registros fósseis, pois na época de sua deposição, em torno de 1,5 bilhões de anos antes do presente, existiam apenas organismos unicelulares. No entanto, são encontradas por toda parte rochas com marcas de ondas (*ripple marks*), que são o testemunho da existência de água corrente em seu período de formação.

Devido às características climáticas, geológicas e ao seu grau de isolamento, a Cadeia do Espinhaço apresenta um elevado grau de endemismo para a flora, onde se destacam as "sempre-vivas" (Xyridaceae, Cyperaceae, Eriocaulaceae), as canelas-de-ema (Velloziaceae), as bromélias (Bromeliaceae) e as orquídeas (Orchidaceae). Por sua importância, em junho de 2005 foi considerada pela ONU como Reserva Mundial da Biosfera.

Em uma visita na década de 1950, o paisagista Roberto Burle Marx descreveu a Serra do Cipó, situada na porção Meridional da Cadeia do Espinhaço, como o "jardim do Brasil", tal a sua beleza e exuberância. O mesmo sentimento continua a ser compartilhado em dias atuais pelas pessoas que percorrem as trilhas ou realizam travessias na região.

Grande parte da travessia passa pelos **campos rupestres**, que são uma das fitofisionomias mais significativas do Parque, correspondendo a 84% do seu território (Mata Atlântica 8%; Cerrado 8%). A necessidade de se assegurar tamanha riqueza foi um dos motivos que levaram à criação do Parque Nacional da Serra do Cipó. Além da riqueza da fauna e da flora existentes nos campos rupestres, as formações rochosas e seus arranjos na paisagem são um espetáculo à parte. As rochas, em grande parte formadas por uma matriz de quartzito, possuem no campo um sentido predominante de orientação voltada para o Oeste.

UMA PAISAGEM EM TRANSFORMAÇÃO

Não há como não se encantar com as belas paisagens ao longo da travessia Alto Palácio até Serra dos Alves. Mas engana-se quem imagina estar passando por áreas intocadas. Transformações impostas pelo homem ocorrem na região há milênios e moldaram a paisagem que vemos hoje.

Grandes matas que ocorriam nos altiplanos foram reduzidas em tamanho ou totalmente suprimidas pela extração de madeira e pelo fogo. Plantas exóticas como o capim-gordura, eucaliptos e bambus, introduzidas no passado, ocorrem, de forma pontual, até nas áreas mais isoladas. Estradas foram abertas no meio da serra e desapareceram com o passar do tempo, além das muitas habitações construídas nos rincões mais ermos da serra, que foram desapropriadas com a criação do Parque.

Alicerces de uma antiga ponte no ribeirão Bandeirinha, em uma região isolada do Parque conhecida como Garça, no sopé da Serra da Mutuca. Hoje não há mais qualquer vestígio da estrada que passava por lá.

Outro indicativo da interferência do homem é o desaparecimento de algumas espécies da fauna, especialmente grandes mamíferos e aves. Onde foram parar os veados retratados nas muitas pinturas rupestres espalhadas pela região? O veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) e a ema (*Rhea americana*) são apenas alguns exemplos de animais que eram comuns na região e que foram dizimados pela caça praticada pelos humanos que aqui se instalaram. Ao longo dos últimos 10.000 anos, a caça, as queimadas e, mais recentemente, a criação de gado, contribuíram drasticamente para a transformação das paisagens que encontramos hoje.

As primeiras ocupações humanas pré-históricas do Espinhaço Meridional, região onde hoje se encontra o PARNA da Serra do Cipó, tiveram início há cerca de 10.000 anos. Ocorreram a partir de duas levas migratórias, sendo que a primeira possuía características cranianas australianas e africanas (Luzia, fóssil humano mais antigo encontrado nas Américas) e a segunda,

possivelmente iniciada a partir de 8.000 anos, com traços tipicamente asiáticos (ameríndios), conforme indicam os registros arqueológicos encontrados em grande quantidade por toda região, como é o caso das pinturas rupestres existentes no início da descida para o Travessão[6].

As figurações rupestres encontradas na **Lapa dos Veados** são associadas à Tradição Planalto, possivelmente a mais antiga expressão gráfica na Serra do Cipó, caracterizada pela predominância de figuras de animais. O principal risco para este patrimônio arqueológico são: o vandalismo (pichações) e o manuseio das pinturas pelos visitantes. Portanto, não toque nas pinturas! O suor dos dedos pode prejudicar os desenhos que persistiram tão bem ao longo dos últimos 8.000 anos, ou mais.

No período colonial, a face leste do PARNA da Serra do Cipó, conhecida como "caminho do mato dentro", foi a primeira a ser desbravada, entre as localidades atuais de Morro do Pilar e Itambé do Mato Dentro. As primeiras bandeiras que percorreram região foram as de Fernão Dias Paes, entre 1673 e 1681, e a chefiada pelo guarda-mor Antônio Soares Ferreira, iniciada em 1701, que percorreram parte das faces oeste e leste do Espinhaço Meridional. Foi essa, portanto, a frente pioneira de colonização da região onde hoje se insere o Parque[7].

Nos séculos XVIII e XIX naturalistas estrangeiros passaram pela região em direção a outras regiões do estado e do interior do Brasil, em longas expedições científicas, a fim de mapear e conhecer os recursos naturais que existiam no Brasil. Dentre eles, podem ser destacados: o Barão Wilhelm Ludwig von Eschwege, o príncipe Maxilimian von Wied, Johann Baptist von Spix, Carl Friedrich Phillip von Martius, o barão Georg Heinrich von Langsdorff e Augustin François Saint-Hilaire. Em seu diário, Langsdorff ressalta as características peculiares dos campos rupestres no alto da serra:

> *"Subi o morro mais alto ao sul, em frente à casa. Segundo o barômetro, ela fica a 4.700 pés; com mais 500 pés que subi, chequei a 5.200 pés de altura. A vegetação fica cada vez mais baixa e de uma variedade sem precedentes. A natureza se mantém fiel às suas leis, ao seu regime e tendências. Aqui ela assume novas formas, com novas e raras espécies e gêneros.[8]"*

Embora muitas pessoas tenham vindo para a região em busca de ouro e diamantes, a Serra do Cipó nunca teve forte vocação para a mineração, servindo inicialmente como refúgio para ex-escravos, pequenos agricultores e criadores de gado. O período compreendido entre os séculos XIX e XX foi marcado pela estagnação econômica, o que, de certa forma, contribuiu para a preservação da paisagem. A falta de estradas transitáveis e a dificuldade em se deslocar nos terrenos acidentados da serra favoreceram ainda mais o isolamento dos poucos povoados existentes na região que, até 1956, era conhecida como Serra da Vacaria.

---

[6] BAETA, A. M. M. Lugares, Estilos e Produção dos Grafismos Rupestres na Serra do Cipó. Revista Espinhaço, 2 (2): 187-199. 2013. Disponível em http://www.artefactto.com/arquivos/REV-ESP-12-13-01.pdf. Acesso em: 2016-07-04.

[7] ICMBIO. Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra do Cipó. Encarte 1 e 2. 2009. Disponível em http://www.icmbio.gov.br/portal/unidadesdeconservacao/biomas-brasileiros/cerrado/unidades-de-conservacao-cerrado/2092-parna-da-serra-do-cipo. Acesso em 05/11/19.

[8] SILVA, D. G. B. Os Diários de Langsdorff. Tradução Márcia Lyra Nascimento EGG, Et al. Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 244. 1997.

Áreas hoje protegidas dentro dos limites do Parque, como a baixada do ribeirão Mascates, a várzea do rio Cipó e mesmo o cânion do rio do Peixe (junto ao Travessão), eram utilizadas para o plantio de arroz, milho e feijão, enquanto os altiplanos da serra serviam de pastagem para o gado. Ao longo do século XX muitos trechos isolados da serra foram ocupados por funcionários das fazendas, em terrenos e casas doados ou arrendados pelos proprietários. O escoamento de algumas mercadorias era realizado por tropeiros, até a década de 1920, feito por trilhas que consistiam no único acesso à região.

Mesmo nos trechos mais ermos da Serra do Cipó, ainda é possível encontrar ruínas e vestígios pontuais de antigas habitações (taperas), caracterizados pela presença de agrupamentos da palmeira macaúba (*Acrocomia aculeata*), muito utilizada pelos antigos moradores na produção de óleo e sabão, além de pés de eucalipto e bambus[9].

Em 1984 foi criado o Parque Nacional da Serra do Cipó (Decreto 90.223 de 1984), que se encontra inserido dentro dos limites da Área de Proteção Ambiental (APA) Morro da Pedreira, criada em 1990 (Decreto 98.891 de 1990). A criação do Parque possibilitou a proteção e a recuperação de importantes ecossistemas naturais, embora problemas como incêndios e a presença do gado bovino ainda persistam.

Boa parte das trilhas hoje percorridas pelos excursionistas e montanhistas que frequentam o Parque, são os antigos caminhos que interligavam diferentes pontos da serra, utilizados desde a pré-história por índios, bandeirantes, tropeiros e moradores. Alguns ainda são utilizados e resistem ao tempo. Outros desapareceram sob a vegetação, aparecendo, por vezes, em trechos descontínuos. Mas as paisagens que sempre encantaram a todos continuam lá!

Antigas trilhas do PARNA da Serra do Cipó, utilizadas no passado e no presente.

[9] DE FILIPPO, D. C. Compreendendo a relação das pessoas com as áreas naturais da Serra do Cipó (MG) em meio às transformações do espaço. Dissertação de mestrado. Instituto de Pesquisas Ecológicas – IPÊ. 2013.

COMO SE PREPARAR PARA A TRAVESSIA

A Travessia Alto Palácio – Serra dos Alves é o primeiro roteiro aberto dentro do Projeto Piloto Travessias do Parque Nacional da Serra do Cipó. É importante compreender que, como um Projeto Piloto, este roteiro encontra-se em construção. Muitos passos ainda precisam ser dados até a sua efetiva implantação como produto turístico.

A Travessia Alto Palácio Serra dos Alves está aberta durante todo o ano. A escolha de fazê-la sob condições adversas é uma decisão exclusiva do caminhante, que deve se responsabilizar por sua segurança e a do seu grupo.

Recomendamos que a caminhada seja iniciada até o limite das 10 h da manhã, evitando assim o risco de chegar ao abrigo à noite. O primeiro dia de caminhada pode ser extremamente longo e desgastante para pessoas pouco habituadas a caminhar em ambiente natural, com muitos aclives e declives. Portanto, não subestime a travessia. Siga o traçado oficial estabelecido, evitando a abertura de trilhas secundárias e os consequentes impactos ambientais resultantes.

Caso você não tenha conhecimento da trilha e experiência em navegação é altamente recomendável que você busque apoio em guias, condutores, empresas capacitadas ou clubes de montanhismo, para uma atividade segura e agradável. E mesmo que já tenha experiência em trilhas, uma consulta prévia aos relatos disponibilizados na Internet pode enriquecer muito a caminhada. Como exemplo, o *site* https://www.chicotrekking.com.br/ possui informações detalhadas sobre a travessia, além de ótimas dicas para o seu planejamento.

Os acampamentos e pernoites devem ser feitos, obrigatoriamente, em torno dos abrigos, como forma de controle e mitigação dos impactos. A adoção desta prática é muito importante para evitar a degradação da paisagem ao longo da trilha!

Os fogões a lenha dos abrigos Casa de Tábuas e Casa dos Currais são remanescentes do tempo em que toda esta área era usada para pecuária extensiva. Sua conservação é importante para resguardar a história e a cultura do local. Entretanto o seu uso hoje não colabora para a conservação do Parque. Portanto é altamente recomendável a utilização de fogareiros de montanha. Não acenda fogueiras! Não faça catação de lenha para uso nos fogões dos abrigos!

Não existem lixeiras na trilha nem nas áreas de acampamento, portanto, todo o lixo produzido na travessia deve ser trazido de volta, inclusive restos de comida. Recomendamos ainda que o lixo seja levado de volta para sua cidade de origem, uma vez que os povoados no entorno do Parque não dispõem de um local adequado para a destinação de resíduos sólidos (aterro sanitário).

Para preservar a qualidade da água, solicitamos que não utilize xampu, sabonete, detergente e outros produtos similares nos banhos de rio e na lavagem de utensílios. Caso isso não seja possível, o sabão comum é o produto biodegradável mais indicado, ainda que ele também gere algum impacto ao meio ambiente.

Visando um menor impacto no ambiente natural e o conforto dos caminhantes, a travessia é limitada a 30 pessoas por dia. A inscrição é gratuita, mas obrigatória, e deve ser feita no *site* do Ecobooking, com antecedência mínima de três dias em relação à data de entrada no Parque: https://www.ecobooking.com.br/site3/destinoAtrativo.php?gHtY=ggyv4wahfnqunwgob2p0

Dúvidas, sugestões, impressões sobre a travessia ou manifestações de interesse em participar do Projeto Piloto Travessias da Serra do Cipó, podem ser enviadas ao Parque, por meio do e-mail: parna.serradocipo@icmbio.gov.br

ROTEIRO DA TRAVESSIA

PRIMEIRO DIA: ALTO PALÁCIO - CASA DE TÁBUAS (18 km)

Trecho 1: Sede do Alto Palácio até a Lapa dos Veados

Distâncias aproximadas para referência:

- Alto Palácio até a passagem pela cerca de arame: 4,5 km
- Alto Palácio até o início da descida da serra: 6,5 km;
- Alto Palácio até as pinturas rupestres: 8,2 km

Situada no município de Morro do Pilar-MG, junto à rodovia MG-010, a casa do Alto Palácio (alt. 1.320m) foi a primeira infraestrutura edificada no Parque Nacional da Serra do Cipó. Inaugurada em 27/09/1984, praticamente na mesma data do decreto de criação do Parque (25/09/1984), funcionou como sede administrativa durante os primeiros anos desta unidade de conservação. Foi reformada em 2005 com recursos da Fundação Grupo Boticário de Proteção à Natureza e hoje funciona como base de apoio a brigadistas e pesquisadores, além de ponto inicial da travessia, no sentido preferencial (Norte a Sul).

Neste primeiro trecho da travessia, serão cerca de 8 km de caminhada sentido Sul, ao longo do limite entre os municípios de Santana do Riacho e Morro do Pilar, pela região conhecida como Alto Palácio, até as pinturas rupestres situadas no entroncamento com a trilha que liga Duas Pontes ao Travessão. A altitude média do trecho é de 1.450 metros.

A trilha tem início no pórtico de madeira que identifica a travessia e um dos trechos da trilha de longo curso Transespinhaço (pegada na seta). Segue margeando a rodovia MG-010 por 750 metros, até encontrar a cerca que marca o limite do Parque, onde faz uma guinada para a esquerda, em direção à estação climatológica da UFMG (torre), instalada no alto de um morrote (alt. 1.420m). A partir desse ponto, amplas paisagens tomadas por campos rupestres e extensos prados passam a compor o cenário da trilha, em uma região muitas vezes fustigada por fortes ventos e pela temida "Corrubiana", fenômeno meteorológico caracterizado por ventos frios e forte cerração[10], que já fez muita gente se perder nesse alto de serra.

À esquerda da trilha pode-se avistar todo o vale do Salitreiro, afluente do rio Preto, região belíssima, porém, de difícil acesso, categorizada como Zona Intangível no Plano de Manejo do PARNA da Serra do Cipó. À direita é possível observar o complexo montanhoso da Lapinha da Serra, com destaque para o Pico da Lapinha (alt. 1.686m) e o Pico do Breu (alt. 1.687m), além das escarpas que formam o Cânion das Éguas e a região do Alto Palácio cortada pela MG-010.

Apesar da fase inicial de aclimatação à trilha e ao peso das mochilas cargueiras, o caminhante costuma experimentar uma sensação prazerosa nesse início de travessia, favorecida pelo percurso pouco acidentado, em meio ao relevo suave e levemente ondulado do alto da serra. Pode-se elucubrar que os amplos horizontes da paisagem ao redor poderiam propiciar um efeito relaxante na musculatura ocular, além de nos remeter, inconscientemente, ao ambiente primitivo de savana onde os primatas humanos evoluíram e, por consequência, onde nos sentimos mais à vontade.

[10] Segundo a Revista Brasileira de Geografia, nº 3, julho – setembro de 1948, em Minas Gerais, currubiana designa um fenômeno meteorológico observado em algumas das regiões montanhosas do Estado, e que consiste na baixa demasiada da temperatura, quer no verão, quer no inverno, aparecendo então uma neblina muito densa e soprando um vento frígido da direção de sueste.

Para quem se interessa pela flora, a região abriga diversas espécies interessantes. Depois de aproximadamente 2,5 km de caminhada, a trilha passa em meio a um agrupamento de ***Proteopsis argentea***, espécie rara e endêmica da Cadeia do Espinhaço, classificada como vulnerável na Lista Nacional Oficial de Espécies da Flora Ameaçadas de Extinção (Portaria MMA n.º 443/2014). Trata-se de uma asterácea (família da margarida e do girassol) que floresce de setembro a abril, com folhagem cinza-prateada e aspecto peculiar. Ao longo do ano, diferentes florações se alternam neste alto de serra, cabendo destaque para as velosiáceas (família das canelas-de-ema) do gênero *Barbacenia* spp., que colorem as rochas com suas flores amarelas em determinadas épocas do ano.

Proteopsis argentea

Após cruzar duas vezes a cerca de arame (km 4,5 e km 4,9) a trilha passa por trás da cumeeira que dá acesso ao topo da Pedra do Elefante, formação rochosa avistada da rodovia MG-010, na região conhecida como Duas Pontes, que lembra a forma de um elefante.

No km 6,2 (alt. 1.490m), uma lápide sinalizada com a pegada da Trilha Transespinhaço marca o início do trecho de descida para as pinturas rupestres, onde se descortina, de forma majestosa, a Serra do Cipó e os seus principais acidentes: o vale do Bocaina à direita, o Travessão à esquerda, a Serra das Bandeirinhas e o morro do Doutor ao fundo. Sem dúvida um dos mais belos cenários da travessia. Pare, contemple e respire!

Cuidado para não pisotear demasiadamente a vegetação nos mirantes. Lembre-se que muitas espécies de plantas são raras e algumas só ocorrem em áreas específicas da Cadeia do Espinhaço!

A trilha desce em meio à região das cabeceiras do córrego Capão da Mata, afluente do Ribeirão Bocaina, que irá formar, mais à frente, o rio Cipó. Em alguns trechos é fácil notar as turfeiras, caracterizadas pela coloração preta do solo hidromórfico, rico em matéria orgânica e recoberto por gramíneas adaptadas a áreas mais úmidas, que funcionam como uma esponja que acumula e libera a água da chuva aos poucos, fundamental para a manutenção do equilíbrio hídrico da região. Trata-se de um trecho de alta sensibilidade ambiental, sujeito ao desencadeamento de processos erosivos, especialmente em decorrência da abertura de trilhas secundárias e atalhos em terreno íngreme. Por isso, mantenha se na trilha oficial!

Aproveite para matar a sede no pequeno córrego à esquerda, próximo ao final da descida, onde existe mais uma pedra sinalizada com a pegada (km 7,4; alt. 1.325m).

Antes de chegar às pinturas rupestres, ainda é preciso cruzar dois prados, um menor, com capim um pouco mais alto, que termina em um pequeno braço do córrego Capão da Mata, seguido de outro mais extenso, com capim mais ralo. Basta seguir a trilha bem marcada no terreno.

Após cerca de 8 km, ao chegar no entroncamento com a trilha que liga Duas Pontes ao Travessão, junto às pinturas rupestres dos veadinhos, a sinalização da Transespinhaço (pegada preta dentro de uma seta com fundo amarelo) indica o caminho a seguir, rumo ao Travessão.

Aproveite o local para uma rápida parada. Aprecie as pinturas, tire fotos, reúna o grupo e siga para o Travessão, onde existe uma área mais apropriada para descanso, lanche e banho de riacho, cerca de 1,5 km a diante.

Situada junto à rodovia MG-010, a casa do Alto Palácio foi a primeira infraestrutura edificada no Parque Nacional da Serra do Cipó em 1984. Hoje funciona como base de apoio a brigadistas e ponto inicial da travessia, no sentido preferencial (Norte a Sul).

Trecho de descida da Serra do Alto Palácio rumo às pinturas rupestres na Lapa dos Veados. As nascentes e drenagens dão origem ao córrego Capão da Mata, que forma o ribeirão Bocaina e, mais à frente, o rio Cipó.

Trecho 2: Travessão e cabeceiras do rio do Peixe

Distâncias aproximadas para referência:

- Lapa dos Veados até o Travessão: 1,3 km
- Travessão até a região das cabeceiras do rio do Peixe: 1,8 km

A Lapa dos Veados (pinturas rupestres) fica no entroncamento de trilhas que seguem para o Alto Palácio, para a região conhecida como Duas Pontes (MG-10) e para o Travessão, próximo destino da travessia. O caminho a ser seguido está sinalizado em uma lápide (pegada preta na seta com fundo amarelo). Ao longo da descida para o Travessão existem diversas trilhas secundárias. Na dúvida, opte sempre pela da esquerda, especialmente nas travessias dos dois pequenos córregos. Próximo à chegada ao Travessão, você deve estar do lado esquerdo destes cursos d'água.

Divisor de águas das bacias do Rio Doce e São Francisco, o Travessão é a principal ligação entre dois trechos da Serra do Cipó. Trata-se de uma estreita passagem que separa o vale do rio do Peixe, a Leste, e o córrego Capão da Mata, a Oeste. Este último desemboca no ribeirão Bocaina que, junto com o ribeirão Mascates, forma o rio Cipó. Costuma ser erroneamente denominado como "Vale do Travessão" ou "Cânion do Travessão". Neste caso, o referido vale ou cânion tão falado e fotografado é, na realidade, a belíssima região formada pelas escarpas do vale do rio do Peixe.

Foto das escarpas do vale do rio do Peixe, tirada a partir do mirante do Travessão. Um dos cartões postais da travessia.

Ao chegar ao Travessão (km 11; alt. 1.080m), você certamente ficará encantado com uma paisagem espetacular, sem dúvida uma das mais belas do Parque. Mas não gaste todo o rolo de filme no primeiro momento. No local existem três principais mirantes, sendo o terceiro, no alto da ombreira Sul, o melhor ponto para contemplação. Para chegar até ele, cruze o travessão e suba

pela trilha à esquerda, indicada pela sinalização da pegada na seta. Este é, sem dúvida, o melhor ponto de observação, de onde é possível ver, tanto o Travessão (divisor de águas), quanto as escarpas do vale do rio do Peixe. Entendeu a diferença?

A trilha pode ser retomada um pouco mais à frente e à direita, até uma área descampada situada cerca de 150m do mirante, onde pessoas, avisadas e desavisadas, costumam acampar clandestinamente (só é permitido acampar no entorno da Casa de Tábuas e Currais).

Saindo um pouco da trilha pela esquerda, pode-se caminhar até o rio do Peixe (ainda um pequeno córrego!), onde há locais agradáveis para descanso e banho. Subindo pelo leito do córrego, há uma pequena cascata. Descendo o leito pelas pedras, há um pequeno poço, chamado por muitas pessoas de “poço do Ofurô”, com uma vista privilegiada para as escarpas. Mas não demore muito neste local. Lembre se que a caminhada no primeiro dia é longa e o próximo trecho é uma extensa subida da serra.

A trilha, bem marcada no solo, continua sentido Sul, inicialmente ao longo da margem esquerda do rio do Peixe, que deve ser cruzado duas vezes num intervalo de aproximadamente 400m. Fique atento e mantenha-se sempre na trilha mais batida, pois ainda existem algumas bifurcações discretas nessa região, que dão acesso a pequenos pocinhos. Após atravessar o corpo d’água pela segunda vez, a trilha vira para o sentido Leste e adentra a região das nascentes do rio do Peixe.

Antes de seguir, aproveite para abastecer os recipientes de água. No período seco do ano os cursos d’água a seguir costumam ficar com uma vazão bastante baixa. No alto da serra não há pontos de água ao longo da trilha.

Início da descida para o Travessão.

Trecho onde a trilha cruza pela primeira vez o córrego do Peixe, depois do Travessão.

Trecho 3: nascentes do rio do Peixe até a Casa de Tábuas

Distâncias aproximadas para referência:

- Travessia do rio do Peixe até a bifurcação para Cabeça de Boi: 3,5 km
- Bifurcação para Cabeça de Boi até a Casa de Tábuas: 2,3 km

A região das nascentes do rio do Peixe é caracterizada por um extenso prado cortado por diversas drenagens, algumas perenes, outras intermitentes. Em um determinado ponto é necessário atravessar uma vala onde existem exemplares de samambaiaçu (xaxim). Evite utilizar o tronco como pinguela, uma vez que restam apenas poucos exemplares desta planta no local.

Mais adiante, a trilha atravessa um corte estreito e pedregoso em um morrote, antes de retomar novamente o rumo Sul. Há uma grande rocha no caminho, que deve ser contornada pela direita, onde a trilha está bem marcada no solo. A bifurcação à esquerda leva a um córrego onde é possível reabastecer os recipientes com água.

Extenso prado na região de nascentes e drenagens que formam o rio do Peixe. Aqui a trilha assume o rumo Leste, para depois retomar o rumo Sul no trecho mais íngreme da subida da serra.

A partir deste ponto, tem início uma extensa subida pela cumeeira de um morro, que leva até o alto da serra. O esforço da subida é compensado pelas belas paisagens ao redor e, para os mais observadores, pela flora peculiar desta região, representada por bromélias, canelas-de-ema, arbustos e arvoretas típicos de formações rupestres.

Há uma bifurcação na trilha em um trecho mais plano da subida. O caminho da esquerda é o traçado mais antigo, que adentra o pequeno vale e contorna o morro. O da direita é o traçado novo, que segue pela crista até o alto da colina, permitindo ao caminhante desfrutar da bela paisagem da serra. As duas trilhas se encontram mais à frente.

Além das canelas-de-ema e das sempre-vivas, outra espécie de planta bastante comum e abundante nos campos rupestres ao longo da travessia é a ***Lychnophora rupestris***, outra asterácea endêmica da Serra do Cipó, com porte arbustivo, folhas coriáceas, flores roxas e caule ramificado com casca grossa. A justificativa para a abundância desta planta é um tipo de estrutura denominada xilopódio, neste caso na forma de uma raiz lenhosa que acumula água, permitindo a sobrevivência da planta em períodos de seca, e que rebrota após a passagem do fogo.

Ao final da subida a trilha adentra uma região formada por extensos campos naturais recobertos pelo capim baixo, de onde se tem uma vista privilegiada dos morros e altiplanos existentes no interior do Parque, com destaque para a Serra da Farofa, Serra das Bandeirinhas, Serra da Lagoa Dourada, o morro do Doutor despontando ao fundo e, bem à direita, ao fundo do vale do Bocaina, o distrito de Serra do Cipó. Formações rupestres em formato de lápides alinhadas completam a paisagem, junto com uma agradável sensação de isolamento e paz.

Do ponto mais alto da serra, a trilha segue ao longo do Altiplano por mais cerca de 900 m até uma bifurcação sinalizada com a seta e pegada da Transespinhaço, A trilha da direita é o antigo caminho para a Casa de Tábuas, que foi desativado por cruzar áreas de maior sensibilidade ambiental, como brejos e pequenas matas em regeneração. Continue adiante por mais 140 metros, pela trilha da esquerda, que adentra um trecho sinuoso com formações rupestres, até a próxima bifurcação, onde tem início a trilha para Cabeça de Boi e a descida da serra para a Casa de Tábuas.

Siga pela trilha da direita que desce a serra e corta uma região de colinas com belas paisagens ao redor. O caminho cruza algumas drenagens que podem estar com água ou secas, dependendo da época do ano. A transposição é feita sem maiores problemas, por vãos estreitos em rocha. A Casa de Tábuas, local do primeiro pernoite, fica após um pequeno vale cortado por um córrego, normalmente perene no período seco do ano. Mas deixe para pegar água no córrego Palmital, que passa ao lado do local de pernoite.

Subida da serra em meio à paisagem pontuada por exemplares de *Lychnophora rupestris*, planta endêmica da Serra do Cipó.

Extensos prados no alto da serra, de onde se tem uma vista privilegiada de toda a região.

Casa de Tábuas

É comum quem não conhece a Casa de Tábuas perguntar se existe algum atrativo em seu entorno, diante da expectativa de concluir o primeiro dia de travessia com um banho em uma cachoeira ou poço. Mas a resposta é não. Mesmo o córrego Palmital que passa junto ao abrigo, não oferece condições para um bom mergulho. Os locais para montar a barraca também não são os melhores, uma vez que boa parte do terreno é inclinado, pedregoso e irregular. Então por que gostamos tanto desse lugar?

Porque a Casa de Tábuas tem uma história, uma personalidade, uma alma. O isolamento em uma área relativamente preservada e distante confere a ela um ar bucólico quase poético, que encanta o montanhista que lá pernoita. Sem dúvida nenhuma, é o verdadeiro atrativo desse trecho da travessia, motivo de muitas fotos e boas lembranças.

A Casa de Tábuas é uma antiga construção, anterior à criação do Parque, feita em madeira e que servia de rancho de apoio aos moradores das localidades vizinhas que cruzavam os caminhos existentes no alto da serra, muitos deles hoje rotas de travessias. Foi desmontada em 2008 de seu local original, onde faltava água, e remontada em um local mais adequado, próximo ao córrego Palmital. É um importante ponto de apoio para a brigada de incêndios e para os caminhantes em travessia.

Por se tratar de um espaço coletivo e de dimensões reduzidas, não é permitido aos participantes da travessia pernoitar dentro da Casa de Tábuas. O espaço interno deve ser compartilhado como local de convivência e no preparo das refeições. O uso dos catres (camas) é restrito aos brigadistas.

Todo o lixo deve ser levado embora e nenhum alimento deve ser deixado no local, como forma de evitar a atração e a proliferação de roedores silvestres. As necessidades fisiológicas devem ser feitas em uma área distante, no mínimo, 50 m do córrego Palmital e enterradas.

A pequena e bucólica Casa de Tábuas.

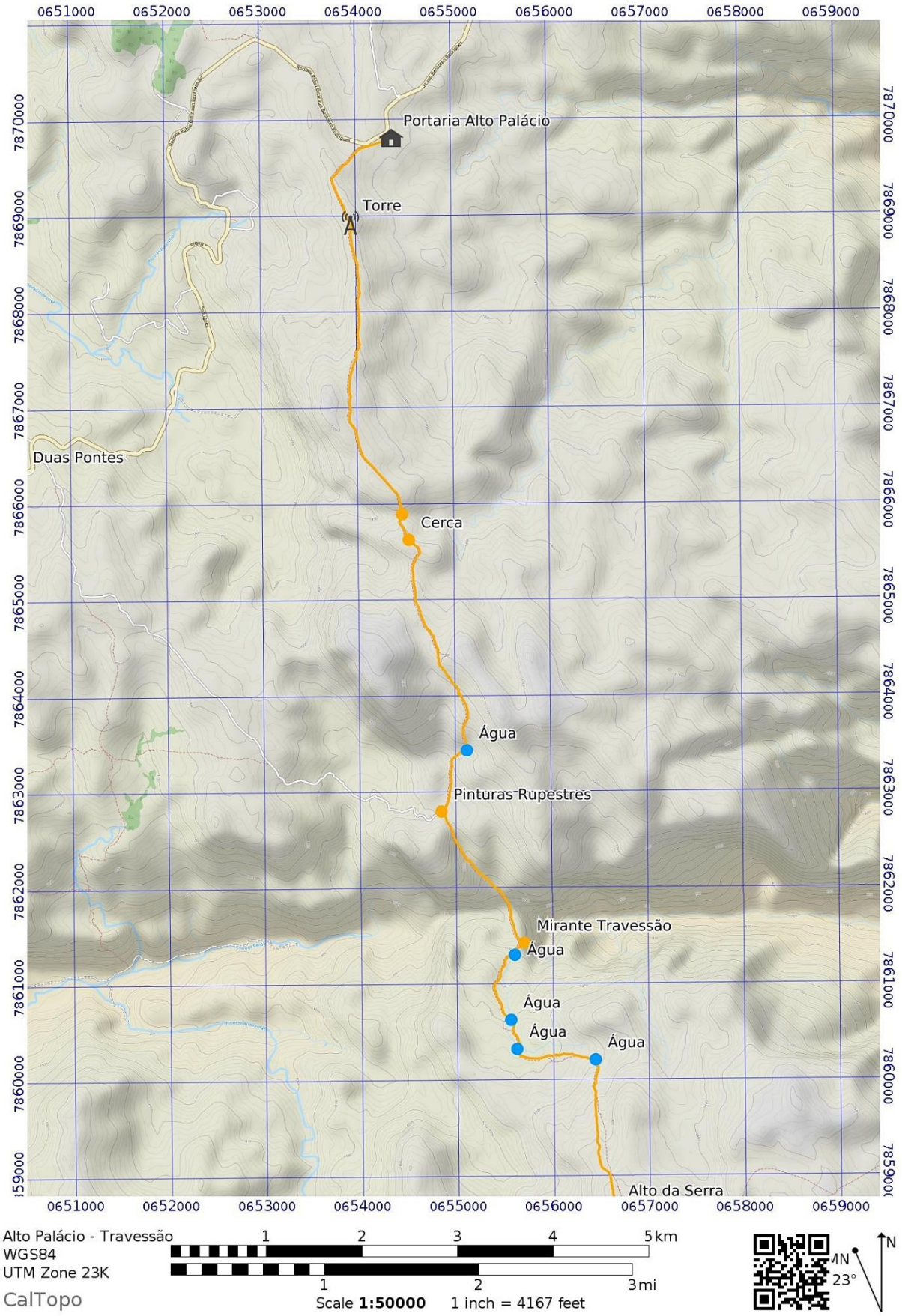
A Casa de Tábuas não foi montada para acolher muitas pessoas e seu uso como abrigo na travessia é uma adaptação, diante da falta de um local mais apropriado na região. A presença do gado e, principalmente, a falta de zelo e o lixo deixado pelas pessoas que utilizam esse local têm contribuído para sua acelerada deterioração.

Os fogões a lenha dos abrigos Casa de Tábuas e Casa dos Currais são remanescentes do tempo em que toda esta área era usada para pecuária extensiva. Seu uso não é permitido, uma vez não contribui para a conservação do abrigo e do Parque. A fumaça produzida se espalha pelo interior tornando o ambiente inadequado para a presença de muitas pessoas. Faça uso dos fogareiros para o preparo dos alimentos.

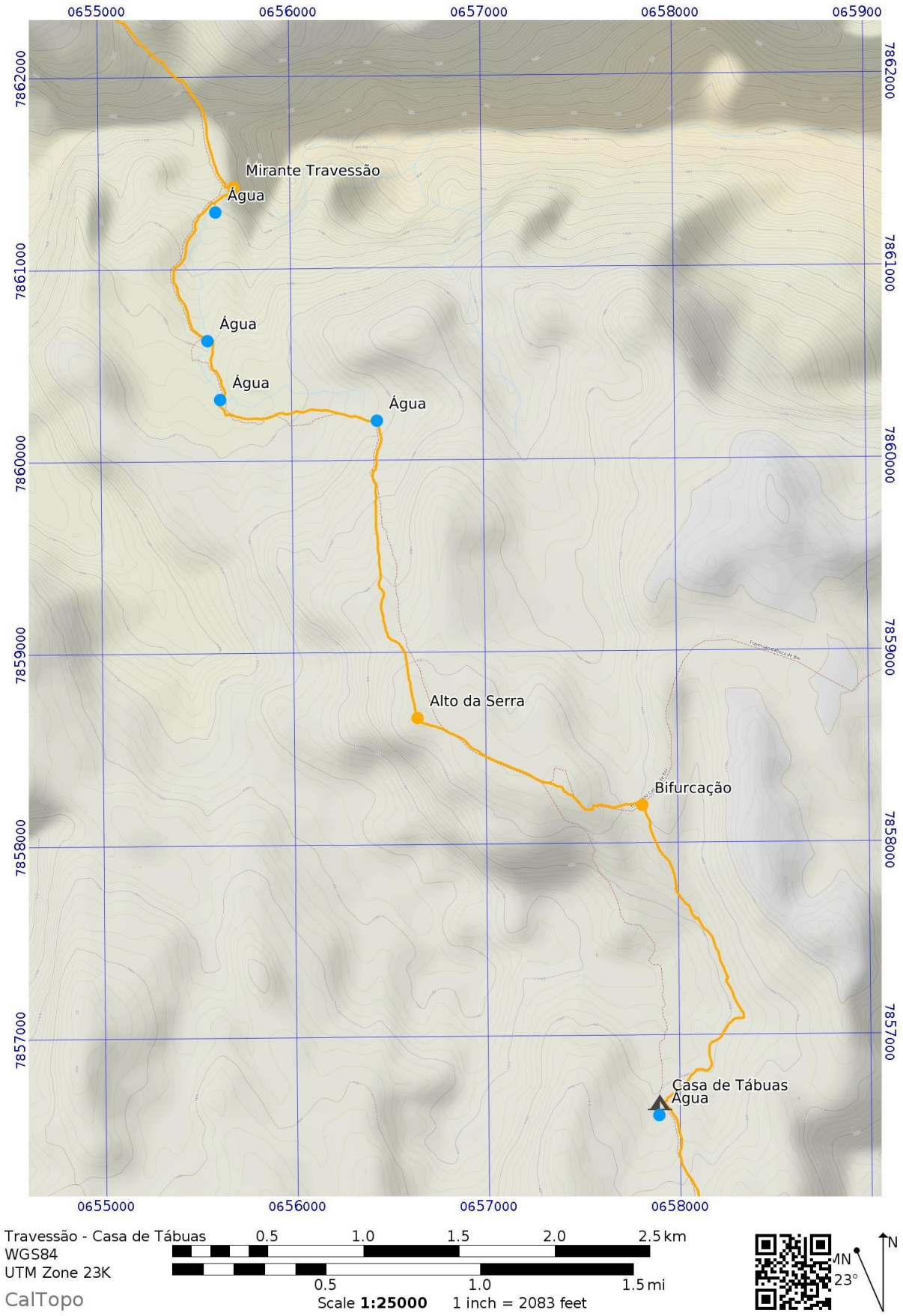
O grupo de voluntários responsáveis pelo Projeto Piloto Travessias da Serra do Cipó está trabalhando na definição de um local adequado para a implantação de um novo abrigo. Enquanto isso, sua colaboração é muito importante para ajudar a manter a Casa de Tábuas: leve todo o lixo embora, não deixe nenhum material no local e feche as portas e janelas ao sair. E não esqueça de deixar uma nota no livro de registros!

LEVE O LIXO DE VOLTA PARA SUA CASA!

A maioria dos povoados no entrono do Parque não dispõe de um sistema adequado para a destinação de resíduos sólidos, como, por exemplo, um aterro sanitário. Por este motivo, é muito importante levar seu lixo para a sua cidade de origem. Deixar o lixo em Serra dos Alves ou na portaria do Parque também não resolve o problema. Se você foi capaz de trazer as embalagens cheias, certamente não terá dificuldade para levá-las de volta vazias.



Mapa com o trecho entre a portaria do Alto Palácio e a região do Travessão, com a indicação de pontos perenes de água em azul.



Mapa com o trecho entre o Travessão e a Casa de Tábuas, com a indicação de pontos perenes de água em azul.

SEGUNDO DIA: CASA DE TÁBUAS – CASA DOS CURRAIS (11 km)

Trecho 4: Casa de Tábuas até o pico do Ernesto (3,7 km)

Partindo da Casa de Tábuas rumo a Casa dos Currais a trilha percorre um trecho inicial de 1,5 km por uma região de colinas cobertas por gramíneas, até chegar em uma pequena mata na encosta de um morro, região de ocorrência das canelas-de-ema-gigantes (*Vellozia gigantea*).

A **canela-de-ema-gigante** (*Vellozia gigantea*) é uma espécie de planta endêmica, restrita aos afloramentos rochosos da face Leste do Espinhaço Meridional, região sujeita a condições de maior umidade e nebulosidade que as porções voltadas para Oeste. Alguns indivíduos alcançam mais de 7m de altura. Além dos exemplares distribuídos nas partes mais altas do morro, a trilha também passa ao lado de alguns indivíduos isolados, facilitando a vida de quem quer tirar uma foto ao lado de uma espécie rara e única.

No trecho ao longo da encosta do morro onde estão as canelas-de-ema-gigantes a trilha é estreita e um pouco acidentada. À direita pode ser vista a região conhecida como Mata das Flores, onde estão alguns dos grandes remanescentes de matas que sobreviveram à exploração predatória de madeira realizada em tempos passados, antes da criação do Parque. No meio do caminho, uma antiga cerca de arame serve de testemunho do uso anterior dessa região para a atividade pecuária.

Ao sair da encosta do morro, entramos novamente em uma região formada por campos de gramíneas, com o pico do Ernesto (1.680 m) à nossa frente, um dos pontos culminantes do PARNA da Serra do Cipó, já que o título oficial ainda pertence ao pico Montes Claros (1.670m), localizado na divisa entre os municípios de Jaboticatubas e Nova União. O nome “pico do Ernesto”, atribuído a esta formação de relevo, ainda carece de confirmação, porém, na falta de uma denominação mais exata, tem servido bem para indicar uma importante referência nesse trecho da travessia. Cabe ressaltar que algumas pessoas o chamam de “pico do Curral”, nome atribuído a essa formação de relevo pelo montanhista Sergio Beck em 2003, devido à existência de um pequeno cercado de arame próximo ao cume.

A subida ao cume do Ernesto é um roteiro opcional que merece ser realizado. Além de fácil e rápida, proporciona uma vista surpreendente de toda a região, em 360°. Do alto é possível ter uma ideia do quanto caminhamos e do quanto falta caminhar até os próximos destinos. Também é possível avistar locais como a serra de Linhares e a serra do Lobo, uma pequena formação de morros próxima ao vilarejo de Cabeça de Boi. Já no interior do Parque, as serras da Mutuca, Confins, Lagoa Dourada e Bandeirinhas, além dos maciços da Lapinha e, em dias com poucas nuvens, até a serra do Caraça, ao longe, na direção Sul.

Mas o que mais chama a atenção é a imensidão dos altiplanos do Parque, caracterizados por extensos prados permeados por manchas de matas nebulares e formações rupestres únicas. Não há quem não se encante com o visual e, para os mais observadores, a vegetação do cume também reserva surpresas, com belos conjuntos de espécies típicas de formações rupestres altimontanas.

Saída da Casa de Tábuas rumo à Casa dos Currais. No início a trilha segue por colinas cobertas por gramíneas. A sinalização (pegada dentro da seta) é o padrão adotado pela trilha de longo curso Transespinhaço, da qual o traçado da travessia faz parte. Seta amarela com pegada preta indica o rumo Sul. Seta preta com pegada amarela indica o rumo Norte.

Depois de passar pela encosta do morro onde estão as canelas-de-ema-gigantes, a trilha adentra novamente em uma extensa área coberta por gramíneas. Ao fundo o pico do Ernesto marcando o rumo a ser seguido.

Vista do interior do PARNA da Serra do Cipó a partir do cume do pico do Ernesto. Momento para contemplação e reflexão. Já pensou em fazer um curso básico de montanhismo? Procure um clube de montanhismo na sua região e se informe. Ele pode trazer um novo rumo para sua vida!

Trecho 5: pico do Ernesto até a Casa dos Currais (7,3 km)

Após a descida do pico do Ernesto, feita com inclinação bastante suave pela face Sul, é necessário um pouco de atenção, uma vez que o traçado da travessia faz uma curva acentuada à direita, onde há uma bifurcação. Pessoas mais distraídas costumam errar o caminho nesse ponto, seguindo em frente por outra trilha. Como o local foi bem sinalizado e balizado com estacas amarelas, agora é mais difícil errar.

Muita atenção aqui. Na bifurcação somos induzidos a seguir em frente, mas o caminho correto é pela trilha da direita! Siga a sinalização e as estacas amarelas.

Depois de cruzar uma cerca de arame liso ao longo do vale, a trilha passa por uma área de charcos, que costuma ficar um pouco alagada no período chuvoso do ano. Trata-se de uma das nascentes do córrego Palmital, que passa pela Casa de Tábuas, forma uma bela cachoeira homônima e se junta ao córrego Gavião para desaguar no ribeirão Bocaina, um dos formadores do Rio Cipó. Em novembro este local costuma ser pontuado pela bela floração de uma espécie de falso-íris-azul (*Neomarica* sp.), cujo conjunto se destaca na paisagem.

Saindo da área de charco, siga pela trilha à esquerda em meio à afloramentos rupestres por cerca de 150 metros e vire novamente à esquerda, onde tem início uma extensa pradaria com relevo predominantemente plano. Trata se do vale drenado pelo córrego Mutuca, o mesmo que passa ao lado da Casa dos Currais e que, mais à jusante, encontra com o Córrego da Garça e forma a cachoeira Braúna.

Após cruzar a pradaria uma porteira de madeira marca o acesso à Casa dos Currais, situada cerca de 1 km à frente, logo após um pequeno, mas agradável, fragmento de Mata Atlântica cortado pela trilha.

Extensa pradaria no caminho para a Casa dos Currais, onde estão as drenagens que formam o córrego Mutuca.

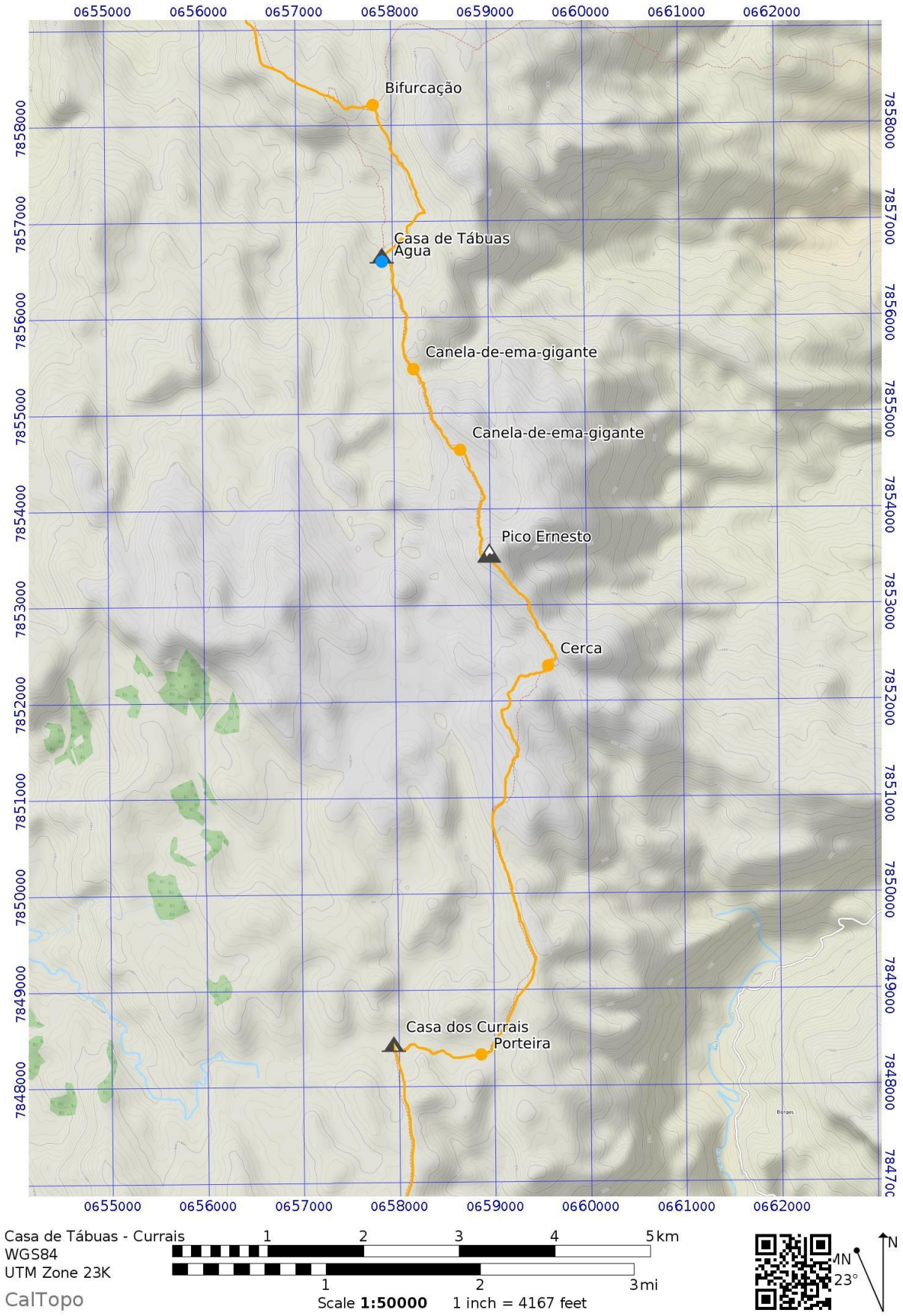
Uma das áreas de acampamento no entorno da Casa dos Currais. Local relativamente plano, gramado e próximo ao córrego Mutuca.

Casa dos Currais

A **Casa dos Currais**, assim como a Casa de Tábuas, é uma construção anterior à criação do Parque, que servia de base de apoio aos criadores de gado bovino que utilizavam os altiplanos da serra como pastagem. Mesmo após a regularização fundiária resultante da criação do Parque, a região continuou sendo utilizada por pecuaristas até 2004, quando a maior parte do gado foi retirada. A casa passou então a ser utilizada como base apoio na vertente Leste para a brigada de combate aos incêndios. Trata-se de uma construção rústica, feita em pau-a-pique, com dois cômodos, fogão a lenha, bica e chuveiro do lado de fora. Uma instalação sanitária rudimentar também foi instalada no local.

Como já foi mencionado, a Casa dos Currais serve de base para os brigadistas. O espaço e a infraestrutura deste local são limitados e precários e a presença de muitas pessoas em seu interior interfere na rotina e no conforto dos que estão lá baseados. Seja educado e utilize o espaço com moderação. O uso da bica d'água é liberado a todos.

Em relação ao lixo e alimentos, valem as mesmas regras aplicadas para a Casa de Tábuas. Leve tudo embora e colabore para deixar o local limpo e arrumado. E não esqueça de deixar uma nota no livro de registros!



Mapa com o trecho entre a Casa de Tábuas e a Casa dos Currais. Os pontos com água potável ao longo deste trecho são escassos.

TERCEIRO DIA: CASA DOS CURRAIS – SERRA DOS ALVES (11 km)

Trecho 6: Casa dos Currais até Serra dos Alves

A partir da Casa dos Currais, os primeiros cinco quilômetros cruzam uma extensa pradaria, por uma trilha bem marcada no solo, em relevo predominantemente plano, com aclives e declives bastante suaves. Uma placa marca o limite do PARNA da Serra do Cipó e, pouco mais à frente, tem início a descida para Serra dos Alves, em meio a formações rupestres, com o relevo cada vez mais erodido e acidentado. Ao fundo, já é possível avistar o pico da Dalina (denominação local), em formato de barbatana e o morro onde fica o mirante de Serra dos Alves.

Extensa pradaria no caminho para o povoado de Serra dos Alves. A trilha está bem marcada no solo e não há maiores dificuldades de orientação neste trecho.

De imediato se avista o cânion Boca da Serra, formado pelo córrego homônimo, que surpreende pelas dimensões e pela beleza. Uma bifurcação na trilha pela direita leva até a base de um morrote que se destaca na paisagem, com acesso fácil ao cume, de onde se tem uma vista privilegiada do cânion e de toda a região no entorno. Deixe a mochila na base, pois o acesso a este mirante é feito por apenas uma via.

A trilha segue por uma região de 1.612 hectares comprada pela Vale S.A. como medida de compensação ambiental acordada entre o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e a Câmara Federal de Compensação Ambiental. Toda a área deverá ser anexada ao PARNA da Serra do Cipó ou convertida em uma nova unidade de conservação.

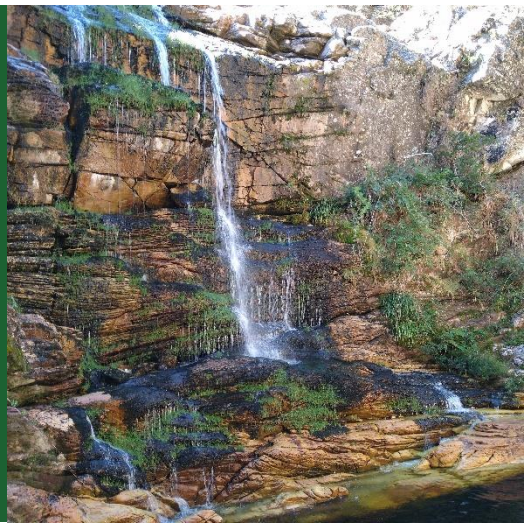
O último trecho plano antes da descida final até Serra dos Alves passa por uma casa verde abandonada (antigo Sítio Serra da Rita), onde parte do telhado da varanda já ruiu. À esquerda está o vale do córrego da Serra, que irá formar, mais abaixo, a cachoeira dos Cristais. À direita, o córrego Boca da Serra, no cânion de mesmo nome, em cujo interior estão localizados a cachoeira da Luci e a Ponte de Pedra.

Início da descida para o povoado de Serra dos Alves com o pico da Dalina ao fundo.

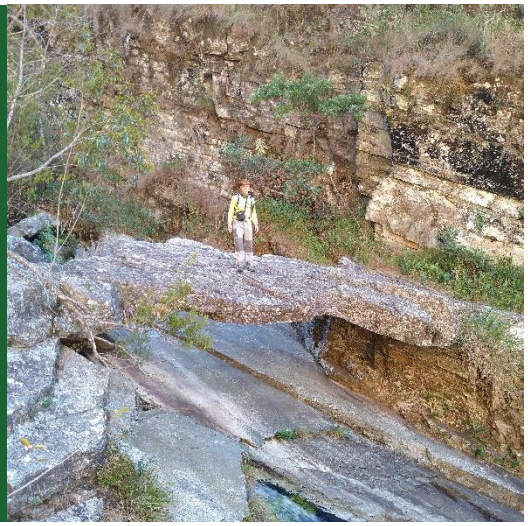
Bifurcação na descida para o povoado de Serra dos Alves. A trilha da direita dá acesso ao mirante do cânion Boca da Serra.

Mais um pequeno e último trecho de descida íngreme em meio a paisagens rupestres e chega-se à Pousada da Luci, uma bela e pitoresca casa na área adquirida pela Vale, que não chegou a funcionar comercialmente. A partir da pousada tem início o último e longo trecho de descida até o povoado, por uma antiga estradinha, sob a sombra de uma agradável mata que cresce no vale e por onde se tem acesso à cachoeira dos Cristais. Não deixe de aproveitar os atrativos que essa região oferece.

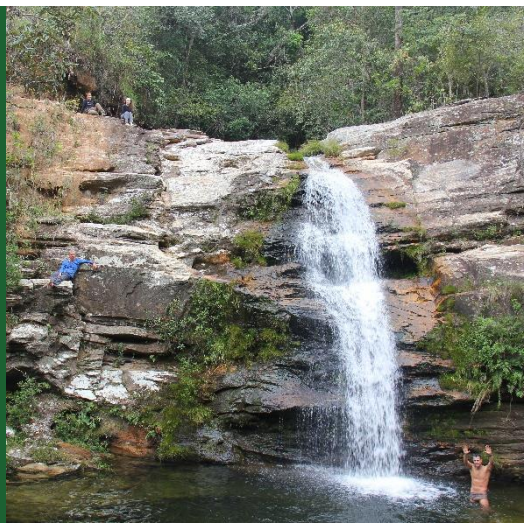
Cachoeira da Luci: o acesso é feito por uma trilha secundária que tem início cerca de 1 km após a casa abandonada ou 650 metros antes da pousada da Luci, facilmente visualizada a partir do último trecho de descida em meio às formações rupestres. A trilha segue por dentro do cânion Boca da Serra e chega na parte alta da cachoeira. O acesso à base, onde existe um belo poço propício para um banho, é feito por uma pirambeira íngreme, porém curta, à esquerda da cachoeira. Aproveite para descer o córrego por cerca de 30 metros, onde o cânion forma um estreito corredor balizado por duas paredes verticais, que mais parecem os muros de uma fortaleza medieval.



Ponte de Pedra: trata-se de uma curiosa e bela rocha erodida pela água, que forma uma ponte sobre o córrego Boca da Serra. O acesso é feito a partir da parte alta da cachoeira da Luci, caminhando por cerca de 800 metros pelas pedras ao longo do leito do córrego. Quase na chegada ao atrativo, em uma laje íngreme de pedra, a trilha sobe por um trecho de capim na margem direita. Uma ótima oportunidade para uma foto de toda a turma reunida sobre a ponte. Não esqueça que até o povoado você tem mais uma hora de caminhada, pelo menos.



Cachoeira dos Cristais: o acesso à cachoeira é feito por uma trilha secundária à esquerda, localizada cerca de 500 metros após a Pousada da Lucy. Evite os atalhos íngremes feitos indevidamente ao longo desse trecho para não contribuir com o desencadeamento de processos erosivos e a consequente degradação do local. A trilha secundária leva até uma laje de pedra na parte alta da cachoeira. Atravessando o córrego de águas cristalinas, pode se descer até o conjunto de poços existentes na parte baixa. Lembre-se que da cachoeira dos Cristais até o povoado são cerca de 30 a 40 minutos de caminhada.



Ao final da descida da serra, caminhe cerca de 50 metros ao longo da trilha gramada na margem do rio Tanque, até uma precária ponte pênsil que deve ser atravessada. Devido presença de muitos cavalos, essa região costuma estar infestada de carrapatos. Portanto, cuidado para não encostar em ramos da vegetação ou mesmo ficar muito tempo parado no mesmo local. Esses bichinhos não perdoam e você certamente levará alguns de lembrança! Depois de chegar na estrada de terra, faça uma minuciosa verificação nas roupas e, assim que puder, no corpo todo.

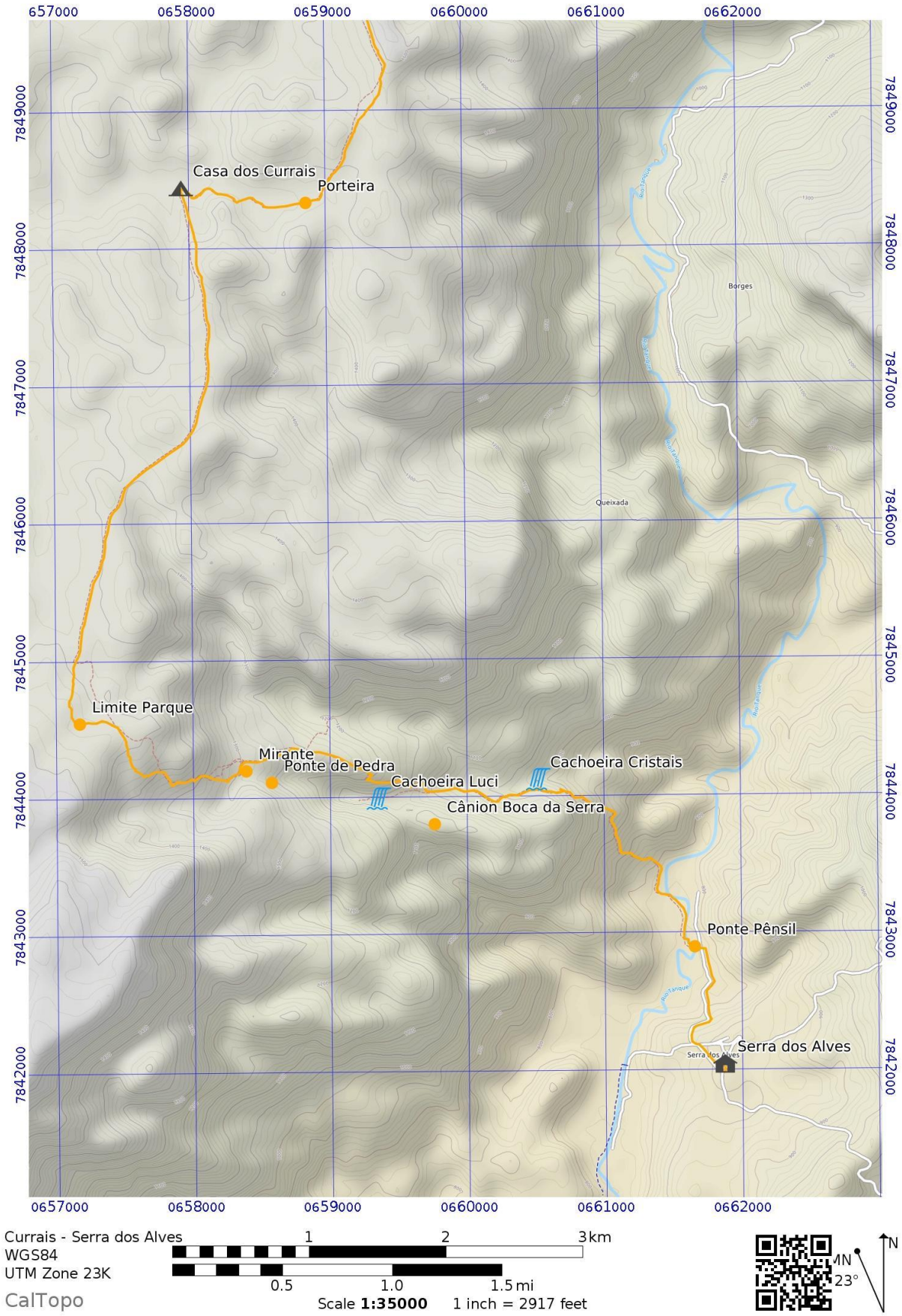
Para chegar ao centro do povoado de Serra dos Alves, siga à direita pela estradinha, por mais cerca de 1.300 metros, passando por uma porteira e uma última subida.

Respeite as normas de conduta indicadas nas placas, que traduzem os costumes locais e aproveite para fazer uma visita à escolinha do povoado, que funciona provisoriamente como Centro de Apoio e Atendimento ao Turista (CAT), enquanto o prédio definitivo não fica pronto. Lá você encontrará banheiros, inclusive para um banho, além de um ótimo local para procurar carrapatos que eventualmente possam ter pego uma carona em você!

O povoado de Serra dos Alves, município de Itabira-MG, fica a 130 km de Belo Horizonte, na vertente Leste do maciço do Espinhaço. Surgiu por volta de 1850, quando os bandeirantes começaram a explorar ouro e cristais na região. O nome da localidade se deve ao sobrenome da primeira família a se instalar na região. O povoado está inserido na APA Morro da Pedreira e cortado pelo rio Tanque, afluente do rio Santo Antônio, na bacia do Rio Doce. Possui inúmeros atrativos naturais e históricos, dentre os quais se destacam o cânion Boca da Serra, as cachoeiras dos Cristais, Marques e Bongue e a Capela de São José, datada de 1860. Vem se estruturando aos poucos para atender ao turismo que chega a esta pacata região.

"O real não está na chegada ou na saída, ele se dispõe é ao longo da travessia".

Grande Sertão: veredas, de Guimarães Rosa,



Mapa com o trecho entre a Casa dos Currais e o povoado de Serra dos Alves, com a indicação dos principais atrativos.

O CENTRO EXCURSIONISTA MINEIRO

Fundado em 18 de agosto de 2005, o Centro Excursionista Mineiro - CEM é um clube de excursionistas sem fins lucrativos, criado para unir pessoas que valorizam os ideais de amizade e companheirismo que permeiam a prática do montanhismo.

Concebido nos moldes dos clubes do Rio de Janeiro, tem como finalidade promover a prática e o desenvolvimento do excursionismo e dos demais esportes realizados em ambiente natural, em caráter não profissional, especialmente o montanhismo e a escalada em rocha.

As atividades do CEM são planejadas e desenvolvidas pelos associados e não implicam em qualquer forma de remuneração por parte de sua diretoria ou corpo de guias, salvo o rateio de eventuais despesas com deslocamento ou serviços prestados por terceiros. Possui sede própria, onde realiza encontros semanais para discutir assuntos de interesse comum e o planejamento das atividades de excursionismo, além de cursos, palestras e eventos diversos.

O CEM também se dedica à execução direta de projetos, programas ou planos de ações, por meio da doação de recursos físicos, humanos e financeiros, ou prestação de serviços intermediários de apoio a outras organizações sem fins lucrativos e a órgãos do setor público que atuam na atividade desportiva e na defesa, preservação e conservação do meio ambiente e na promoção do desenvolvimento sustentável.

Desde 2015 o CEM participa ativamente do grupo de coordenação do Projeto Piloto Travessias da Serra do Cipó, especialmente na implantação da travessia Alto Palácio - Serra dos Alves.

Acreditamos que a liberdade de acesso a montanhas e paredes de escalada é um direito fundamental. Para isso incentivamos a prática responsável das atividades, que devem ser realizadas de forma ambientalmente consciente e proativa com a preservação da natureza.

As reuniões sociais, sempre abertas ao público, são realizadas todas as quintas-feiras, a partir das 20 horas, na sede social do CEM, situada na Av. Nossa Senhora do Carmo, nº 221, sala 224, Carmo, Belo Horizonte, MG. Venha nos visitar e fazer parte do Clube!

CENTRO EXCURSIONISTA MINEIRO—CEM

Av. Nossa Senhora do Carmo, 221 Loja 224. Condomínio Carmo Sion, Savassi, Belo Horizonte MG

centroexcursionistamineiro@gmail.com Centro Excursionista Mineiro centroexcursionistamineiro

ICMBio
INSTITUTO CHICO MENDES
MMA

PARQUE NACIONAL DA
SERRA
DO CIPÓ

CENTRO EXCURSIONISTA MINEIRO
CEM
montanhismo consciente